

S. Paulo, 15,11,1904

Rangel:

É cheio do passado que te escrevo. Imagina que fui ao Rink (coisa que não conheces: patinação) e lá encontrei numa roda de quatro a moça mais bela que a Natureza ainda produziu. Bela, fina, elegante... Estes adjetivos já não dizem nada por causa dos abusos do Macuco. Sabe o que é o belo, Rangel? É o que alcança uma harmonia de formas absolutamente de acordo com o nosso desejo. Se um mínimo senão na asa dum nariz rompe de leve essa harmonia, a criatura pode ser linda, bonita, encantadora_ mas bela não é. Pois aquela moça era bela, Rangel. Chamava-se nos meus 14 anos, Belita, Isabelita _ Isabel. Foi o meu primeiro amor, em Taubaté.

Mas falemos em coisas profanas. Li o teu ultimo artigo... Nunca viste reprodução dum quadro de Gleyre, *Ilusões Perdidas*? Pois o teu artigo me deu a impressão do quadro de Gleyre posto em palavras. Num cais melancolico barcos saem; e um barco chega, trazendo á proa um velho com o braço pendido largamente sobre uma lira_ uma figura que a gente vê e nunca mais esquece (se ha por aí os *Ensaios de Critica e Historia* do Taine, lê o capítulo sobre Gelyre). O teu artigo me evocou a barca do velho. Em que estado voltaremos, Rangel, desta nossa aventura de arte pelos mares da vida em fora? Como o velho de Gleyre? Cansados, rotos? As ilusões daquele homem eram as velas da barca_ e não ficou nenhuma. Nossos dois barquinhos estão hoje cheios de velas novas e arrogantes, atadas ao mastro da nossa petulancia. São as nossas ilusões. Que lhes acontecerá?

Somos vitimas de um destino, Rangel. Nascemos para perseguir a borboleta de asas de fogo_ se a não pegarmos, seremos infelizes; e se a pegarmos, lá se nos queimam as mãos. Nós tres, eu, você e o Edgard, sofremos da mesma doença e, pois, trilharemos as mesmas sendas e voltaremos ao cais na barca de Gleyre_ com aquele mastro caído, a lira largada, a bussola sem agulha. E por que isso, Rangel? Porque em nós tres ha uma coisa que nos obriga a partir, a caçar a borboleta, embora certos de que o retorno será na barca de Gleyre. Essa coisa dentro de nós é o que explica a imensa disparidade entre você e o Breves, entre o Edgard e o Goulart, entre eu e o Macuco. O que não impede que Breves, Goulart e Macuco nos olhem com profundo despreso. Devemos ser para eles o que eles são para nós.

Estamos moços e dentro da barca. Vamos partir. Que é a nossa lira? Um instrumento que temos de apurar, de modo que fique mais sensível que o galvanometro, mais penetrante que o microscopio: a lira eolia do nosso senso estético. Saber sentir, saber ver, saber dizer. E tem você de rangelizar a tua lira, e o Edgard tem que edgardizar a dele, e eu de lobatizar a minha. Inconfundibiliza-las. Nada de imitar seja lá quem for. Eça ou Esquilo. Ser um Eça II ou

um Esquilo III, ou um sub-Eça, um sub-Esquilo, sujeiras! Temos de ser nós mesmos, apurar os nossos Eus, formar o Rangel, o Edgard, o Lobato. Ser nucleo de cometa, não cauda. Puxar fila, não seguir.

O trabalho é todo subterraneo, inconciente; mas a Vontade ha que marcar sempre um norte, como a agulha imantada.

Esses nossos desalentos, esses nossos tédios iterativos, esses nossos desesperos, provam a favor, Rangel, não provam contra. São reflexos da misteriosa gestação subterranea. Como vem isso? Sempre como éco do constante processo analitico inerente á gestação. Você lê uma pagina genial de Hugo e a comparação inconciente que fazes entre ele e você desnuda-te uma aparente inferioridade. Eu vejo uma cena, procuro o meio de transmiti-la por meio de palavras, não consigo e perco a confiança em mim. O Edgard sente uma sensação nova, estranha, jamais sentida por ninguem no mundo; analisa-a, não a apreende_ e ei-lo de dia estragado, azedo sem saber por que. Mas esse eterno “procurar”, Rangel, é que a grande coisa que ha dentro de nós e não ha no Macuco. O Macuco não procura coisa nenhuma, porque está certo de que é um genio e não precisa de coisa nenhuma.

Cansado de desanimar, eu não desanimo mais, depois que apanhei a causa dos meus desanimos. Trabalho ás ocultas lá no subconciente. Em que? Na afinação da lira e na fixação com palavras do que ela apanha. O sonho, sabes qual é_ o sonho supremo de todos os artistas. Reduzir o senso estetico a um sexto sentido. E, então, pegar a borboleta!

Você me pede um conselho e atrevidamente eu dou o Grande Conselho: seja você mesmo, porque ou somos nós mesmos ou não somos coisa nenhuma. E para ser si mesmo é preciso um trabalho de mouro e uma vigilancia incessante na defesa, porque tudo conspira para que sejamos meros numeros, carneiros dos varios rebanhos_ os rebanhos politicos, religiosos ou esteticos. Ha no mundo o odio á exceção_ e ser si mesmo é ser exceção. Ser exceção e defende-la contra todos os assaltos da uniformização: isto me parece a grande coisa. Se a tomarmos como programa, é possivel que um dia apanhemos a borboleta de asas de fogo_ e não tem a minima importancia que nos queime as mãos e a nossa volta seja como a do velho de Gleyre.

LOBATO